

*COLETÂNEA ELABORADA POR
JOSÉ FLEURÍ QUEIROZ
AMIGO DOS A.A. DE BURI-SP
GRUPO BOA VONTADE*

RELIGIÃO DOS ALCOÓLICOS ANÔNIMOS

*

A.A. e a religião

Embora não adotando nenhuma religião em particular, a Irmandade de Alcoólicos Anônimos assimilou e incorporou aos seus princípios básicos, alguns dos ensinamentos espirituais e morais, comuns a todas as denominações religiosas. Profunda, gratificante, e sobretudo inspiradora, foi a assistência recebida pelos cofundadores de A.A. de parte do Padre Ed. Dowling, da Ordem Jesuíta de St. Lous, e do Clérigo Episcopal Sam Shoemaker, tido como o principal inspirador dos Doze Passos de A.A.

Em todos os países onde se instalaram grupos de A.A., a Irmandade tem encontrado estímulo e apoio por parte dos líderes religiosos local, independentemente da religião predominante em qualquer desses países. A essa regra geral não foge o Brasil, onde até mesmo a grande maioria dos grupos está instalada em salões paroquiais, predominando, como é natural, os pertencentes às igrejas católicas.

A exemplo do que acontece com médicos amigos, também alguns religiosos participam ativamente dos serviços organizados de A.A., em diversos países.

(extraído do livreto Alcoólicos Anônimos - Primeiras Noções para o Público em geral.)

*

A.A. é uma sociedade religiosa, ou um Movimento de Temperança? (Qualidade ou virtude de quem é moderado ou de quem modera apetites e paixões. Sobriedade; parcimônia...)

A.A. é uma sociedade religiosa?

Não, A.A. não é uma sociedade religiosa, pois não impõe nenhuma crença religiosa definida como condição para ser membro. Embora aprovada e apoiada por muitos líderes religiosos, não é ligada a nenhuma organização ou seita. Entre seus membros encontram-se católicos, protestantes, judeus, membros de outras religiões, agnósticos e ateus.

O programa de recuperação de A.A. baseia-se inegavelmente na aceitação de certos valores espirituais. Cada membro pode interpretar à sua vontade esses valores ou até mesmo nem lhes dar importância se assim o desejar.

A maioria dos membros, antes mesmo de procurar A.A. já havia admitido que não podia controlar-se com relação à bebida.

O álcool havia se tornado um poder superior a ela, tendo sido aceito nesses termos. A.A. sugere que, para alcançar e manter a sobriedade, o alcoólico precisa aceitar e confiar em outro Poder, que reconhece ser superior a ele mesmo. Alguns alcoólicos consideram que o próprio Grupo de A.A. é o Poder superior a eles mesmos; para muitos outros esse poder é Deus - na forma que O concebe.

Todavia, há ainda outros que contam com conceitos inteiramente diferentes de um Poder Superior.

Alguns alcoólicos, quando procuram A.A., mostram claras reservas quanto à aceitação de qualquer conceito de um Poder Superior a si mesmo. A experiência mostra que, se mantiverem uma mente aberta sobre o assunto e continuarem assistindo às reuniões de A.A., provavelmente não terão grandes dificuldades em chegar a uma solução aceitável para esse problema decididamente pessoal.

A.A. é um movimento de temperança?

Não. A.A. não tem ligação alguma com os movimentos de temperança. A.A. "não apóia nem combate quaisquer causas". Essa frase, do resumo amplamente aceito dos objetivos da Irmandade, naturalmente se aplica à questão dos chamados movimentos de temperança. O alcoólico que alcançou a sobriedade e está tentando seguir o programa de recuperação de A.A. tem uma atitude de respeito do álcool que poderia assemelhar-se à atitude do diabético com relação aos doces.

Embora muitos membros de A.A. reconheçam que o álcool poderá não fazer mal para algumas pessoas, sabem que para eles é um veneno. O membro típico de A.A. não deseja privar ninguém de algo que, usando bem, possa ser uma fonte de prazer. Ele simplesmente reconhece que, pessoalmente, é incapaz de controlar a bebida alcoólica.

*

Doze Tradições de AA - Alcoólicos Anônimos

1. Nosso bem-estar comum deve estar em primeiro lugar; a reabilitação individual depende da unidade de A.A.

2. Somente uma autoridade preside, em última análise, o nosso propósito comum - um Deus amantíssimo que Se manifesta em nossa consciência coletiva. Nossos líderes são apenas servidores de confiança; não têm poderes para governar.

3. Para ser membro de A.A., o único requisito é o desejo de parar de beber.

4. Cada Grupo deve ser autônomo, salvo em assuntos que digam respeito a outros Grupos ou a A.A. em seu conjunto.

5. Cada Grupo é animado de um único propósito primordial - o de transmitir sua mensagem ao alcoólico que ainda sofre.

6. Nenhum Grupo de A.A. deverá jamais sancionar, financiar ou emprestar o nome de A.A. a qualquer sociedade parecida ou empreendimento alheio à Irmandade, a fim de que problemas de dinheiro, propriedade e prestígio não nos afastem de nosso propósito primordial.

7. Todos os Grupos de A.A. deverão ser absolutamente auto-suficientes, rejeitando quaisquer doações de fora.

8. Alcoólicos Anônimos deverá manter-se sempre não-profissional, embora nossos centros de serviços possam contratar funcionários especializados.

9. A.A. jamais deverá organizar-se como tal; podemos, porém, criar juntas ou comitês de serviço diretamente responsáveis perante aqueles a quem prestam serviços.

10. Alcoólicos Anônimos não opina sobre questões alheias à Irmandade; portanto, o nome de A.A. jamais deverá aparecer em controvérsias públicas.

11. Nossas relações com o público baseiam-se na atração em vez da promoção; cabe-nos sempre preservar o anonimato pessoal na imprensa, no rádio e em filmes.

12. O anonimato é o alicerce espiritual das nossas Tradições, lembrando-nos sempre da necessidade de colocar os princípios acima das personalidades.

*

Os Doze Passos (para os Alcoólicos Anônimos) são:

1. Admitimos que éramos impotentes perante o álcool – que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas.

2. Viemos a acreditar que um Poder superior a nós mesmos poderia devolver-nos à sanidade.

3. Decidimos entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus, na forma em que O concebíamos.

4. Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos.

5. Admitimos perante Deus, perante nós mesmos e perante outro ser humano, a natureza exata de nossas falhas.

6. Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.

7. Humildemente rogamos a Ele que nos livrasse de nossas imperfeições.

8. Fizemos uma relação de todas as pessoas que tínhamos prejudicado e nos dispusemos a reparar os danos a elas causados.

9. Fizemos reparações diretas dos danos causados a tais pessoas, sempre que possível, salvo quando fazê-lo significasse prejudicá-las ou a outrem.

10. Continuamos fazendo o inventário pessoal e, quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente.

11. Procuramos, através da prece e da meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, na forma em que O concebíamos, rogando apenas o conhecimento de Sua vontade em relação a nós, e forças para realizar essa vontade.

12. Tendo experimentado um despertar espiritual, graças a esses Passos, procuramos transmitir essa mensagem aos alcoólicos e praticar esses princípios em todas as nossas atividades.

* 2

**ALCOÓLICOS ANÔNIMOS
CARL JUNG**

Introdução

Carl Gustav Jung, psiquiatra e psicanalista suíço, foi fundador da escola analítica da psicologia. Ele viveu de 1875 a 1961.

Biografia

Graduou-se em medicina em 1902, pelas universidades de Basileia e Zurich, teve amplo conhecimento cultural e intelectual.

Jung elaborou uma variação sobre a obra de Sigmund Freud e a psicanálise, interpretando os distúrbios mentais como uma forma patológica de procurar a auto-realização pessoal e espiritual.

Ele nasceu no ano de 1875, em Kesswil, Suíça. Seu pai era um pastor protestante, e, sua vivência, aguçou o pensamento analítico de Jung acerca da espiritualidade.

Iniciou seus trabalhos pesquisando as associações verbais, estes estudos proporcionaram-lhe reconhecimento internacional, além de, um período de bastante proximidade com Freud.

Entretanto, com a publicação do livro “Transformações e símbolos da libido” (1912), ocorreu o rompimento do relacionamento entre Jung e Freud. Posteriormente, Jung estabeleceu um estreito paralelismo entre os mitos arcaicos e as fantasias psicóticas, explicando as motivações humanas em termos de energia criativa.

Dois anos depois, abandonou a presidência da Sociedade Internacional Psicoanalítica para fundar um movimento denominado psicologia analítica.

Nos últimos 50 anos de sua vida, Jung dedicou-se a desenvolver suas teorias, aplicando uma ampla erudição sobre mitologia e história, realizou viagens com o objetivo de conhecer as diversidades culturais, além de trabalhar os sonhos e fantasias de sua infância.

Em 1921, publicou outra de suas principais obras: “Tipos Psicológicos”. Nesta obra, ele abordou a relação entre o consciente e o inconsciente propondo a diferenciação de tipos de personalidade: extrovertida-introvertida.

Por último, fez uma diferenciação entre o inconsciente individual e o inconsciente coletivo, que, segundo ele, possuía sentimentos, pensamentos e recordações que condicionavam cada sujeito (desde seu nascimento), inclusive, em sua forma de simbolizar os sonhos.

O inconsciente coletivo contém arquétipos, imagens primitivas, primordiais, as quais se recorrem em situações como a confrontação com a morte, ou na escolha de um parceiro, ou, ainda, na manifestação de elementos culturais como a religião, os mitos e lendas populares.

O enfoque terapêutico de Jung se dirigia a reconciliar os distintos estados da personalidade, que não está somente dividida em introversão e extroversão, mas, em sensações e intuição, em sentimento e pensamento. A partir do momento em que compreende como ocorre a integração do inconsciente pessoal com o coletivo, o paciente alcançará um estado de individualização, ou seja, a totalidade em si mesmo.

Jung escreveu várias obras, especialmente sobre os métodos analíticos e as relações entre psicoterapia e crenças religiosas. Faleceu em 1961, em Kusnacht, Suíça.

Frases de Jung:

"Só aquilo que somos realmente tem o verdadeiro poder de curar-nos."

"Não descobrimos num doente mental nada de desconhecido ou novo. Encontramos neste doente as bases de nossa própria natureza."

"Acredito que alguma parte do Eu ou da alma não está sujeita às leis do espaço e do tempo."

"Quem olha para fora, sonha e quem olha para dentro, acorda."

*

CARTA DE Bill Wilson. a Carl Jung (Inspirador da criação do A. A.)

Do livro: DESPERTAR ESPIRITUAL

VIAGENS DO ESPÍRITO

Aqui está um capítulo de vital importância na história dos inícios do A. A., primeiramente publicado na GRAPEVINE, em janeiro de 1963, sendo reeditado em janeiro de 1968 e em novembro de 1974.

CARTA DE BILL, W. Janeiro 23, 1961.

Meu Caro Dr. Jung,

Esta carta há muito lhe deveria ter sido enviada.

Devo primeiramente apresentar-me ao Senhor como Bill W. um dos cofundadores das sociedades dos Alcoólicos Anônimos. Embora seja provável que o Sr. Já tenha ouvido falar de nós, com certeza ignora que uma conversa que manteve com um de seus pacientes, Mr. Rowland, nos idos de 1930, tornou-se uma das regras fundamentais da nossa Sociedade.

Embora Mr. Rowland tenha nos deixado há muito tempo, o registro de sua inesquecível experiência, enquanto sob os seus cuidados, passou definitivamente para a nossa história e é a que passo a lhe relatar: Tendo Mr. Rowland esgotado todos os recursos para livrar-se do alcoolismo, tornou-se em 1931 seu paciente, permanecendo em tratamento, se não me engano durante mais ou menos um ano; após este tempo deixou-o cheio de confiança e com a mais irrestrita admiração pelo Senhor. Contudo para a sua enorme consternação, retornou ao velho hábito.

Convencido de que o senhor era a sua "tábua de salvação", voltou ao tratamento. O relato do diálogo entre ambos veio a tornar-se o primeiro elo de uma corrente de acontecimentos, que terminaram por induzir a fundação de nossa Sociedade.

A minha lembrança deste relato do encontro entre ambos é que se segue: **primeiramente disse-lhe o Senhor francamente que não via esperanças para ele em novos tratamentos, fossem eles médicos ou psiquiátricos. Esta sua posição sincera e humilde foi, sem dúvida, a primeira pedra em que fundamentamos a nossa Sociedade.**

Tal afirmação, vinda de quem ele tanto confiava e admirava produziu sobre ele o mais violento impacto.

Quanto ele lhe perguntou se então não haveria para ele alguma esperança, o Senhor lhe respondeu que poderia haver sim e que esta seria a de tornar-se sujeito de uma genuína experiência espiritual ou religiosa - em resumo, de uma autêntica conversão. Tal experiência poderia motivá-lo mais que outra qualquer, disse-lhe o Senhor. Mas preveniu-o de que conquanto tais experiências tivessem acontecido a alguns alcoólicos, elas eram comparativamente raras. E recomendou-lhe que se colocasse em uma atmosfera religiosa e que esperasse. Esta foi a substância do seu conselho.

Prontamente Mr. Rowland juntou-se ao Oxford Group, um movimento evangélico de grande sucesso na Europa, movimento este que lhe deve ter sido familiar.

Certamente o Senhor se lembrara da grande ênfase que davam aos princípios de autovigilância, da confissão, da reparação e da doação pessoal ao serviço dos outros. Eles também praticavam a meditação e a prece intensivamente. E foi nesta prática que Mr. Rowland encontrou a experiência de conversão, que o libertou, finalmente, da compulsão de beber.

Voltando à Nova York tornou-se membro ativo do Oxford Group, entidade então conduzida pelo Dr. Samuel Shoemaker. Dr. Shoemaker havia sido um dos fundadores daquele movimento e a sua poderosa personalidade era carregada de imensa sinceridade e convicção.

Neste tempo (1932-34) o Oxford Group já havia recuperado um número de alcoólicos e Rowland, sentindo que poderia identificar-se com aqueles sofredores lançou-se, ele mesmo, no auxílio de outros. Um desses era um velho companheiro de colégio meu, chamado Edwin T. (Ebby). Ele havia sido tratado por outra instituição, mas Mr. H. e um outro ex-alcoólico do O. G. contataram-se com ele e convenceram a retornar à sobriedade.

Enquanto isto, eu percorria os caminhos do alcoolismo, tentando curar-me por mim mesmo.

Felizmente, acabei sendo cliente do Dr. William D. Silkworth, que era maravilhosamente capaz de entender os problemas alcoólicos. E assim como o Sr. resgatou Rowland, assim também ele me resgatou do álcool.

Sua teoria era a de que o alcoolismo tinha dois componentes: por um lado uma obsessão que compelia o sofredor a beber, contra seu desejo e, por outro lado, uma espécie de dificuldade metabólica que ele chamava de alergia. A compulsão ao álcool garantia que o hábito de beber prosseguiria e a alergia fazia com que o sofredor entrasse em decadência, enlouquecesse ou morresse. Embora eu fosse um dos que havia julgado ser possível ajudar, acabou sendo obrigado a me confessar que já não via mais esperança para o meu caso. Eu deveria considerar o meu tratamento encerrado. Para mim isto foi uma bofetada. Assim como Rowland foi preparado pelo Senhor para a sua experiência de conversão, meu maravilhoso amigo também me preparou para semelhante experiência ao dar-me tal terrível veredicto.

Ouvindo falar sobre a minha recaída, meu amigo Edwin T. veio ver-me em minha casa, onde eu estava bebendo. Era novembro de 1934 e já fazia muito

tempo que eu registrara meu amigo Edwin como um caso incurável. No entanto, ali estava ele, no mais evidente estado de sobriedade. Este estado de sobriedade certamente estava relacionado ao curto período em que ele esteve ligado ao Oxford Group e era naquele momento tão evidente, tão distinto de sua usual depressão que me foi tremendamente convincente. Por ser ele um irmão-sofredor comunicou-se comigo em tal profundidade que eu imediatamente senti que deveria buscar uma experiência igual a sua ou então morrer.

Voltei então aos cuidados do Dr. Silkworth; onde pude tornar-me novamente sóbrio, ganhando assim nova visão sobre a experiência da libertação do meu amigo e novo enfoque no caso de Howland H.

Livre mais uma vez do uso do álcool passei a me sentir terrivelmente deprimido, o que me pareceu ser devido a minha inabilidade de adquirir qualquer tipo de fé. Edwin T. visitou-me novamente nesse período, repetindo as mesmas fórmulas do tratamento do O. G. Quando ele me deixou, recaí na mais profunda depressão.

Desesperado, então gritei: - "Se existir um deus, que ele se mostre para mim". Imediatamente, uma iluminação de enorme impacto e dimensão envolveu-me, uma coisa extraordinária que tentei descrever no meu livro Alcoholics Anonymous, bem como em "A.A. Come of Age", textos básicos que lhe estou enviando agora.

Meu desligamento da obsessão pelo álcool foi imediato. Senti que me havia tornado um homem livre.

Logo em seguida a esta minha experiência recebi no hospital, das mãos de Edwin o livro de William James, "Varieties of Religious Experience", livro este que veio me conscientizar que a maior parte das experiências religiosas, as mais variadas têm um denominador comum que é o colapso do ego, a sua queda no maior desespero. O indivíduo tem que se encontrar em uma situação extrema, frente a um dilema insolúvel. No meu caso esta situação, este dilema insolúvel nasceu da minha compulsão à bebida, e um profundo sentimento de desespero mais ainda tomou conta de mim, quando o meu amigo alcoólico comunicou-me o seu veredicto de incurável, dado a Rowland H.

Durante a minha experiência religiosa tive a inspiração de uma sociedade de alcoólicos em que cada um se identificasse com o outro e lhe transmitisse a sua experiência, em uma espécie de cadeia. Se cada sofredor tinha que dar a notícia do veredicto de incurável que a ciência médica conferia ao ingresso no tratamento, deveria também lhe colocar a possibilidade de uma abertura a uma experiência de transformação espiritual. Este conceito provou ter sido a base de posteriores conquistas dos alcoólicos anônimos. Isto fez com que as experiências da conversão, quase tão múltiplas quanto as citadas por W. James se tornassem disponíveis em larga escala.

Nossos associados somavam no último quarto de século o número de 300.000. Na América e através de todo o mundo eles chegam a formar 8.000 grupos de A. A.

Assim sendo, nós do A. A. fomos extremamente beneficiados pelo Senhor, pelo Dr. Shoemaker do Oxford Group, por William James e pelo nosso amigo, o médico Dr. Silkworth.

Como vê o Senhor claramente agora, esta espantosa cadeia de acontecimentos realmente começou há muitos anos, na sala do seu consultório e foi desencadeada pela sua humildade e profunda percepção.

Muitos elementos do A. A. são estudiosos de sua obra. O Senhor endereçou-se especialmente em sua direção devido a sua convicção de que o homem é mais que o intelecto, as emoções e dois dólares de medicamentos.

Os panfletos e outros materiais que lhe envio mostrar-lhe-ão o quanto a nossa sociedade vem crescendo, desenvolvendo o seu espírito de unidade e como ela vem estruturando as suas bases.

O Senhor gostará provavelmente de saber que além da experiência espiritual, muitos A. A. vêm ingressando em outras experiências psíquicas, com considerável força cumulativa.

Outros membros, depois de recuperados nos A. A. têm sido muito ajudados pelos seus assistentes e alguns são estudiosos do I Ching e do admirável prefácio que o senhor fez para este livro.

Esteja certo de que como ninguém mais que o senhor ocupa destacada posição no afeto e na história de nossa sociedade.

Muito grato ao Senhor, e a William G. W.

RESPOSTA DE JUNG. Janeiro 30, 1961.

Caro Sr. Wilson.,

A sua carta foi-me realmente bem-vinda.

Não tive mais notícias de Rowland H. e muitas vezes desejei conhecer o seu destino.

O diálogo que mantivemos, ele e eu, e que ele muito fielmente lhe transmitiu teve um aspecto que ele mesmo desconheceu. A razão pela qual não pude dizer-lhe tudo foi que naquela época eu tinha que ser excessivamente cuidadoso com tudo o que dizia. Eu havia descoberto que estava sendo de todas as maneiras mal interpretado.

Portanto, tive que ser muito cuidadoso ao conversar com Rowland H. Mas o que eu realmente concluí sobre o seu caso foi o resultado das minhas inúmeras experiências com casos semelhantes ao dele.

A sua fixação pelo álcool era o equivalente, em nível mais baixo, da sede espiritual do nosso ser pela totalidade, expressa em linguagem medieval, pela união com Deus.

Como poderia alguém expor tal pensamento sem ser mal interpretado em nossos dias?

O único caminho correto e legítimo para tal experiência é que ela aconteça para você na realidade e ela só pode acontecer se você procurar um caminho que o leve a uma compreensão mais alta. E você poderá ser conduzido a esta meta pela ação da graça, pela convivência pessoal honesta com os amigos ou através de uma educação mais alta da mente, para além dos limites do mero racionalismo. Vi pela sua carta que Rowland H. escolheu a segunda opção que, nas suas circunstâncias era, sem dúvida, a melhor.

Estou firmemente convencido de que o princípio do mal prevalecente no mundo conduz as necessidades espirituais, quando negadas, à perdição, se ele não for contrabalançado por uma experiência religiosa ou pelas barreiras protetoras da comunidade humana. Um homem comum desligado dos planos superiores, isolado de sua comunidade, não pode resistir aos poderes do mal, muito propriamente chamados de demônio. Mas o uso de tais palavras nos leva a tais enganos que temos que nos manter afastados delas, tanto quanto possível.

Eis as razões porque não pude dar a Rowland H. plena e suficiente explicação. Estou arriscando-me a dá-las a você por ter concluído pela sua carta decente e honesta, que você já adquiriu uma visão superior do problema do alcoolismo, bem acima dos lugares comuns que, via de regra, se ouvem sobre ele.

Veja você, "álcool" em latim significa "espírito", e você, no entanto, usa a mesma palavra tanto para designar a mais alta experiência religiosa como para designar o mais depravador dos venenos.

A receita então é "spiritus" contra "spiritum".

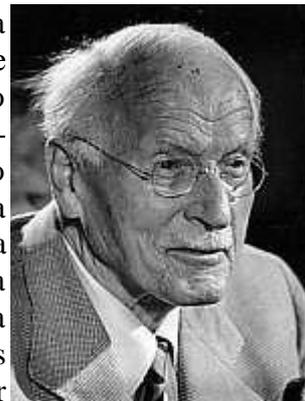
Agradecemos você novamente por sua amável carta, eu me reafirmo.

Seu sinceramente,

C. G. Jung.

Carl Jung e o Mundo dos Espíritos

Uma série de três artigos foi publicada pela centenária revista italiana “Luce e Ombra” (Luz e Sombra), enfocando as experiências mediúnicas do fundador da moderna psiquiatria, Carl Gustav Jung (1885-1961), que privou da convivência do igualmente famoso Sigmund Freud(1856-1939), considerado o Pai da Psicanálise. Jung, porém, por aceitar a reencarnação e a comunicabilidade dos espíritos, deu um largo passo para melhor conhecer e compreender determinados sintomas da loucura, visões, sonho e algumas manifestações patológicas mal interpretadas pela ciência, como, por exemplo, a catalepsia, vista pelo cientista da psique como um determinado tipo de mediunidade.



No primeiro dos artigos, divulgados pela revista italiana e assinado pela médium e divulgadora espírita Paola Giovetti, importantes revelações são feitas e narrada a intimidade do Dr. Jung em reuniões mediúnicas, sem esquecer de trazer à tona como tudo havia começado para o jovem Carl Jung, desde tenra idade. Ele sabia do teor dos diálogos mantidos pelo seu pai com o Espírito Emilie, que fora nada mais nada menos que sua mãe, desencarnada quando era ainda bem pequeno. Esses encontros, entre o pai e o espírito da mãe, eram tão frequentes e levados a sério que o pai de Jung mantinha uma cadeira propositadamente vazia em seu escritório, para “acomodar” o espírito visitante e com ele manter longos diálogos. E estas tertúlias provocaram ciúme na nova esposa, pois o pai de Jung era casado em segundas núpcias. Donde se pode concluir pela autenticidade do fenômeno, e neste caso específico, que o Sr. Jung fosse médium auditivo e muito bem dotado de mediunidade de vidência.

Eis, sem dúvida, o ponto de partida, o toque inicial que iria se desenvolver no correr dos anos e que acompanharia Carl Jung por toda a sua existência terrena, fazendo dele um grande estudioso dos fenômenos mediúnicos e deles tirando substanciosos ensinamentos e provas contundentes da comunicabilidade entre encarnados e desencarnados.

O segundo artigo, também divulgado no mesmo número da revista, pois estão sequenciados, descreve a intimidade de Carl Jung na Suíça e é o resultado de uma visita que lhe foi feita em março de 1949 pelo estudioso da fenomenologia espírita Gastone de Boni, amigo de Ernesto Bozzano. Foi uma longa e proveitosa entrevista, que revelou interessantes detalhes sobre o comportamento de Jung, que residia então às margens do lago Zurique, num pequeno castelo onde vivia com a família, também conhecido como "La Torre".

Diante daquele estudioso e divulgador espírita, Carl Jung sentiu-se bem à vontade para comentar suas experiências e oferecer ao entrevistador uma série de fotos, inclusive com a família, e que foram estampadas pela revista para ilustrar os referidos artigos. Nesta entrevista, Jung estendeu-se sobre o assunto, e esse rico diálogo entre ambos veio contribuir para uma melhor apreciação sobre a real personalidade do Dr. Jung e de como este via e interpretava a mediunidade e os Espíritos que se serviam deste veículo de comunicação entre os mundos físico e material.

No terceiro artigo apresentado pela entrevista, o último da série, temos a assinatura do atual presidente da "Fondazione Biblioteca Bozzano – De Boni", Massino Biondi, que dá um enfoque ampliado da vivência de Jung junto aos médiuns e aos espíritos. Igualmente contribui com uma riqueza de detalhes curiosos e valiosos sobre a infância de Carl Gustav Jung. Evidentemente, e não poderia deixar de ser, o enfoque é sob as lentes do Espiritismo.

O primeiro artigo traz o sugestivo título "O envolvimento de Carl Gustav Jung com as temáticas paranormais e espirituais". O segundo é intitulado "Uma visita a Carl Gustav Jung". E o terceiro e último da série, "Horizontes espiritistas de Jung", que também traz revelações preciosas sobre as experiências mediúnicas vividas por Jung com dois grandes e reconhecidos médiuns austríacos, e da amizade entre Jung e o pesquisador Scherenck-Notzing.

*

BILL WILSON E BOB SMITH E OS FENÔMENOS MEDIÚNICOS

(Fonte: Tradução e adaptação por Mário Sérgio do capítulo 15 do livro *Occult Invasion* (Invasão do Oculto) de Dave Hunt – solascriptura-tt.org/)

Bill Wilson e seu amigo íntimo, Bob Smith, estavam ambos extremamente envolvidos com o ocultismo, mesmo antes de conceberem o AA e, ainda mais, depois que o AA estava plenamente estabelecido. A biografia oficial de Wilson revela, sem qualquer reserva ou constrangimento que, por anos a fio, após a fundação do AA, eram feitas sessões [espíritas] na casa de Wilson, além de outras atividades psíquicas, incluindo a consulta de *Ouija board* (mesa branca de consulta com letras, símbolos e números). A biografia declara:

Há referências de sessões e outros eventos psíquicos nas cartas que Wilson escreveu a Lois [esposa dele], durante aquele primeiro verão em Akron, com os

Smiths [Bob e Anne], em 1935. [Veja essas citações da biografia pessoal do fundador]:

“Wilson deitava-se no sofá. Ele “obtinha” tais ensinamentos [do mundo espiritual] toda semana. A cada vez, certas pessoas [demônios personificando seres humanos mortos] poderiam “entrar e trazer longos ensinamentos, palavra por palavra...”

[Em 1938] quando Wilson começou a escrever [o manual do AA], ele clamou por direção [...] As palavras começaram a pulular com velocidade espantosa. Ele completou o primeiro rascunho em meia hora [...]

Numerando os novos passos, eles chegaram a 12, um número simbólico; ele pensou nos 12 apóstolos e, pouco tempo depois, estava convicto de que a Sociedade deveria ter 12 passos.

Foi através de mediunidade que Wilson recebeu o manual dos Alcoólicos Anônimos. Não é surpresa, portanto, que o efeito do AA sobre muitos dos seus membros tem sido levá-los ao envolvimento com o ocultismo. Wilson também envolveu-se com o uso de LSD, na esperança de alcançar um elevado estado místico, com o objetivo de provar a sobrevivência do espírito após a morte. Em 1958, Wilson escreveu a Sam Shoemaker:

“Através do AA, nós recebemos um tremendo volume de fenômenos psíquicos, muitos deles espontâneos. Alcoólatras após alcoólatras têm me contado sobre tais experiências [...] que cobrem uma gama enorme de tudo que vemos nos livros.”

Além da minha experiência mística original, eu mesmo tenho vivido incontáveis fenômenos psíquicos.”

*

EXISTÊNCIA DE DEUS

1. - Sendo Deus a causa primária de todas as coisas, a origem de tudo o que existe, a base sobre que repousa o edifício da criação, é também o ponto que importa consideremos antes de tudo.

2. - Constitui princípio elementar que pelos seus efeitos é que se julga de uma causa, mesmo quando ela se conserve oculta.

Se, fendendo os ares, um pássaro é atingido por mortífero grão de chumbo, deduz-se que hábil atirador o alvejou, ainda que este último não seja visto. Nem sempre, pois, se faz necessário vejamos uma coisa, para sabermos que ela existe. Em tudo, observando os efeitos é que se chega ao conhecimento das causas.

DEUS

Passei tanto tempo Te procurando. Não sabia onde estavas.

Olhava para o infinito, não Te via. E pensava comigo mesmo, será que Tu existes?

Não me contentava na busca e prosseguia. Tentava Te encontrar nas religiões e nos Templos. Tu também não estavas.

Te busquei através dos sacerdotes e pastores. Também não Te encontrei.

Senti-me só, vazio, desesperado e descri. E na descrença Te ofendi. E na ofensa tropecei. E no tropeço caí. E na queda senti-me fraco. Fraco, procurei socorro. No socorro encontrei amigos. Nos amigos encontrei carinho. No carinho eu vi nascer o amor. Com amor eu vi um mundo novo. E no mundo novo resolvi viver. O que recebi, resolvi doar. Doando alguma coisa muito recebi. E em recebendo senti-me feliz. E ao ser feliz, encontrei a paz. E tendo a paz foi que enxerguei que dentro de mim é que Tu estavas. E sem procurar-Te, foi que Te encontrei. *Autor Desconhecido*

*

BIP, BIP, BIP
**BENEVOLÊNCIA PARA COM TODOS, INDULGÊNCIA PARA
 COM AS IMPERFEIÇÕES ALHEIAS, PERDÃO DAS OFENSAS
 QUE, QUE, QUE
QUERER PARA OS OUTROS O QUE QUEREMOS PARA NÓS**

HINO DO “JUSTIÇA FUTEBOL CLUBE”

I

**BIP, BIP, BIP – AMOR E CARIDADE
 QUÊ, QUÊ, QUÊ – É JUSTIÇA DE VERDADE
 BIP, BIP, BIP – QUÊ, QUÊ, QUÊ
 É JUSTIÇA, É JUSTIÇA, QUE VAMOS FAZER!**

I

SE FUMAR, SE BEBER, MUITO CEDO VAI MORRER!
 DROGA NÃO, DROGA NÃO, ISSO É ASSUNTO MUITO SÉRIO,
 VOCÊ VAI PARA A PRISÃO E DEPOIS PRO CEMITÉRIO!
 SE VOCÊ FIZER O BEM, MUITO BEM VAI RECEBER!
 FAÇA O BEM, FAÇA O BEM, SEM OLHAR PARA QUEM!
 FAÇA O BEM, FAÇA O BEM, SEM OLHAR PARA QUEM!

II

**BIP, BIP, BIP – AMOR E CARIDADE
 QUÊ, QUÊ, QUÊ – É JUSTIÇA DE VERDADE
 BIP, BIP, BIP – QUÊ, QUÊ, QUÊ
 É JUSTIÇA, É JUSTIÇA, QUE VAMOS FAZER!**
 SE VOCÊ FIZER O MAL, MUITO MAL IRÁ SOFRER!
 ESQUEÇA O MAL E FAÇA O BEM, É ISSO QUE LHE CONVÉM!
 SE ALGUÉM LHE OFENDER, É ELE QUEM VAI SOFRER!
 E VOCÊ QUE MUITO PENSA, ENTÃO PERDOE TODA OFENSA!
 SE FIZER A CARIDADE, SÓ TERÁ FELICIDADE!
 SE FIZER A CARIDADE, SÓ TERÁ FELICIDADE!

III

**BIP, BIP, BIP – QUÊ, QUÊ, QUÊ
 É JUSTIÇA, É JUSTIÇA, QUE VAMOS FAZER!
 HURRA!!!**

EXISTÊNCIA DE DEUS

1. - Sendo Deus a causa primária de todas as coisas, a origem de tudo o que existe, a base sobre que repousa o edifício da criação, é também o ponto que importa considerarmos antes de tudo.

2. - Constitui princípio elementar que pelos seus efeitos é que se julga de uma causa, mesmo quando ela se conserve oculta.

Se, fendendo os ares, um pássaro é atingido por mortífero grão de chumbo, deduz-se que hábil atirador o alvejou, ainda que este último não seja visto. Nem sempre, pois, se faz necessário vejamos uma coisa, para sabermos que ela existe. Em tudo, observando os efeitos é que se chega ao conhecimento das causas.

DEUS

Passei tanto tempo Te procurando. Não sabia onde estavas.

Olhava para o infinito, não Te via. E pensava comigo mesmo, será que Tu existes?

Não me contentava na busca e prosseguia. Tentava Te encontrar nas religiões e nos Templos. Tu também não estavas.

Te busquei através dos sacerdotes e pastores. Também não Te encontrei.

Senti-me só, vazio, desesperado e descri. E na descrença Te ofendi. E na ofensa tropecei. E no tropeço caí. E na queda senti-me fraco. Fraco, procurei socorro. No socorro encontrei amigos. Nos amigos encontrei carinho. No carinho eu vi nascer o amor. Com amor eu vi um mundo novo. E no mundo novo resolvi viver. O que recebi, resolvi doar. Doando alguma coisa muito recebi. E em recebendo senti-me feliz. E ao ser feliz, encontrei a paz. E tendo a paz foi que enxerguei que dentro de mim é que Tu estavas. E sem procurar-Te, foi que Te encontrei.

Autor Desconhecido

*

AJUDA-TE, E O CÉU TE AJUDARÁ

Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Porque todo o que pede, recebe; e o que busca, acha; e a quem bate, abrir-se-á. Ou qual de vós, porventura, é o homem que, se seu filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou, porventura, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma serpente. Pois se vós outros, sendo maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos Céus, dará boas dádivas aos que lhes pedirem. (MATEUS, VII: 7-11).

*

ALBERT EINSTEIN E DEUS

(**Albert Einstein** (pronúncia em alemão: AFI: ☞[ˈalbɛt ˈaɪnʃtaɪn] (ajuda·info); em inglês: AFI: [ˈælbɜːt ˈaɪnstaɪn]; Ulm, 14 de março de 1879 — Princeton, 18 de abril de 1955¹) foi um físico teórico alemão posteriormente radicado nos Estados Unidos, que desenvolveu a teoria da relatividade geral, um dos dois pilares da física moderna (ao lado da mecânica quântica).² ³ Embora mais conhecido por sua fórmula de equivalência massa-energia $E = mc^2$ (que foi chamada de "a equação mais famosa do mundo"),⁴ ele recebeu o Prêmio Nobel de Física de 1921 "por seus serviços à física teórica e, especialmente, por sua

descoberta da lei do efeito fotoelétrico".⁵ O último foi fundamental no estabelecimento da teoria quântica.)

(A **Teoria da Relatividade** é a denominação dada ao conjunto de duas teorias científicas: a Relatividade Restrita (ou Especial) e a Relatividade Geral¹ .

(A Relatividade Especial é uma teoria publicada em 1905 por Albert Einstein, concluindo estudos precedentes do matemático francês Henri Poincaré e do físico neerlandês Hendrik Lorentz, entre outros. Ela substitui os conceitos independentes de espaço e tempo da Teoria de Newton pela ideia de espaço-tempo como uma entidade geométrica unificada. O espaço-tempo na relatividade especial consiste de uma variedade diferenciável de 4 dimensões, três espaciais e uma temporal (a quarta dimensão), munida de uma métrica pseudo-riemanniana, o que permite que noções de geometria possam ser utilizadas. É nessa teoria, também, que surge a ideia de velocidade da luz invariante.

O termo *especial* é usado porque ela é um caso particular do princípio da relatividade em que efeitos da gravidade são ignorados. Dez anos após a publicação da teoria especial, Einstein publicou a Teoria Geral da Relatividade, que é a versão mais ampla da teoria, em que os efeitos da gravitação são integrados, surgindo a noção de espaço-tempo curvo.)

*

EINSTEIN E DEUS

“A opinião comum de que sou ateu repousa sobre grave erro. Quem a pretende deduzir de minhas teorias científicas não as entendeu.

Creio em um Deus pessoal e posso dizer que, nunca, em minha vida, cedi a uma ideologia ateia.

Não há oposição entre a ciência e a religião. Apenas há cientistas atrasados, que professam ideias que datam de 1880.

Aos dezoito anos, eu já considerava as **teorias sobre o evolucionismo mecanicista e casualista** como irremediavelmente antiquadas. No interior do átomo não reinam a harmonia e a regularidade que estes cientistas costumam pressupor. Nele se depreendem apenas leis prováveis, formuladas na base de estatísticas reformáveis. Ora, essa indeterminação, no plano da matéria, abre lugar à intervenção de uma causa, que produza o equilíbrio e a harmonia dessas reações dessemelhantes e contraditórias da matéria.

Há, porém, várias maneiras de se representar **Deus**.

- Alguns o representam como o **Deus** mecânico, que intervém no mundo para modificar as leis da natureza e o curso dos acontecimentos. Querem pô-lo a seu serviço, por meio de fórmulas mágicas. É o **Deus** de certos primitivos, antigos ou modernos.

- Outros o representam como o **Deus** jurídico, legislador e agente policial da moralidade, que impõe o medo e estabelece distâncias.

- Outros, enfim, como o Deus interior, que dirige por dentro todas as coisas e que se revela aos homens no mais íntimo da consciência.”

* * * * *

“A mais bela e profunda emoção que se pode experimentar é a sensação do místico. **Este é o semeador da verdadeira ciência.** Aquele a quem seja estranha tal sensação, aquele que não mais possa devanear e ser empolgado pelo encantamento, não passa, em verdade, de um morto.

Saber que realmente existe aquilo que é impenetrável a nós, e que se manifesta como a mais alta das sabedorias e a mais radiosa das belezas, que as nossas faculdades embotadas só podem entender em suas formas mais primitivas, esse conhecimento, esse sentimento está no centro mesmo da verdadeira religiosidade.

A experiência cósmica religiosa é a mais forte e a mais nobre fonte de pesquisa científica.

Minha religião consiste em humilde admiração do espírito superior e ilimitado que se revela nos menores detalhes que podemos perceber em nossos espíritos frágeis e incertos. Essa convicção, profundamente emocional na presença de um poder racionalmente superior, que se revela no incompreensível universo, é a ideias que faço de Deus.”

ALBERT EINSTEIN (1879-1955)

*

RENÉ DESCARTES E A EXISTÊNCIA DE DEUS

Descartes, filósofo francês (1596 – 1650), tinha como principal método de estudo, o questionamento de toda verdade que lhe era apresentada, passando-a primeiro, pelo crivo severo da razão, desconsiderando tudo o que a razão não aceitasse.

Um de seus estudos foi sobre a **existência ou não de Deus**. Sem considerarmos as questões religiosas e de crenças envolvidas em tal assunto, vejamos o que dizia Descartes.

Para ele a única coisa que realmente pode ser considerada verdadeira é o pensamento, visto que todo pensamento por si só prova sua existência, ou seja, mesmo que uma pessoa duvide que o pensamento exista, essa sua dúvida já é um pensamento. Essa proposição de Descartes fez surgir sua célebre frase: “Penso, logo existo”, que apesar de pequena guarda grande dimensão filosófica.

Uma vez de posse dessa nova linha de raciocínio, a razão, Descartes passa a examinar a ideia de perfeição. Quando dizemos que alguma coisa é imperfeita, estamos usando a ideia de perfeição sob a forma de falta de alguma coisa, ou seja, a ausência de algo que tornaria perfeita a coisa estudada.

Caso essa coisa estudada estivesse completa, teríamos a noção de um ser perfeito. Demonstrando que a ideia de perfeição não se origina nos sentidos, mas na razão, Descartes abre o caminho para a prova racional da existência de Deus. Ao questionar a origem da ideia de Deus, ele depara com o problema de que essa ideia não poderia ter surgido do nada, pois o nada, nada cria e nenhum ser, muito menos um ser perfeito, pode ter surgido do nada.

Seguindo este raciocínio, Descartes afirmou, também, que um ser imperfeito não pode ser a causa da criação de um ser perfeito, pois o menos não pode ser a causa do mais. A ideia de perfeição nasce junto com o homem, é uma ideia inata. Resta a ideia de que a perfeição não tendo sua origem no

nada e nem tampouco em um ser imperfeito por natureza, só pode ter sido posta na razão por um ser perfeito.

Um ser perfeito pode ser a sua própria causa, ao contrário de um ser imperfeito. A ideia de perfeição posta na razão sugere a existência de um ser perfeito, pois seria contraditória a existência da perfeição sem um ser perfeito que a tenha criado.

Assim, a existência de uma ideia de perfeição que existe em nossa mente, comprova a existência de um ser perfeito que a criou e a colocou em nossa razão, ou seja, um ser que pode ser chamado de Deus.

Fonte: Descartes, René, 1596-1650 – Discurso do método / René Descartes; tradução de Paulo Neves. – Porto Alegre: L&PM, 2008.

*

RESUMO DA DOUTRINA DE SÓCRATES E PLATÃO

O homem é uma alma encarnada

Antes de sua encarnação, ela existia junto aos modelos primordiais, às ideias do verdadeiro, do bem e do belo. Separou-se delas ao encarnar-se, e lembrando seu passado, sente-se mais ou menos atormentada pelo desejo de a elas voltar.

Não se pode enunciar mais claramente a distinção e a independência dos dois princípios, o inteligente e o material. Além disso, temos aí a doutrina da preexistência da alma; da vaga intuição que ela conserva, da existência de outro mundo, ao qual aspira; de sua sobrevivência à morte do corpo; de sua saída do mundo espiritual, para encarnar-se; e da sua volta a esse mundo, após a morte. É, enfim, o germe da doutrina dos anjos decaídos.

A Alma se perturba e confunde, quando se serve do corpo para considerar algum objeto; sente vertigens, como se estivesse ébria, porque se liga a coisas que são, por sua natureza, sujeitas a transformações. Em vez disso, quando contempla sua própria essência, ela se volta para o que é puro, eterno, imortal, e sendo da mesma natureza permanece nessa contemplação tanto tempo quanto possível. Cessam então as suas perturbações, e esse estado da alma é o que chamamos de sabedoria.

O verdadeiro sábio e os olhos da alma. Espíritos protetores. Reencarnações sucessivas

Assim, o homem que considera as coisas de baixo, terra a terra, do ponto de vista material, vive iludido. Para apreciá-las com justeza, é necessário vê-las do alto, ou seja, do ponto de vista espiritual. O verdadeiro sábio deve, portanto, de algum modo, isolar a alma do corpo, para ver com os olhos do espírito.

Após a nossa morte, o gênio (daimon, démon) que nos havia sido designado durante a vida, nos leva um lugar onde se reúnem todos os que devem ser conduzidos ao Hades, para o julgamento. As almas, depois de permanecerem no Hades o tempo necessário, são reconduzidas a esta vida, por numerosos e longos períodos.

Esta é a doutrina dos Anjos guardiães ou Espíritos protetores, e das reencarnações sucessivas, após intervalos mais ou menos longos de erraticidade.

Não se deve nunca retribuir a injustiça com a injustiça, nem fazer mal a ninguém, qualquer que seja o mal que nos tenham feito.

Poucas pessoas, entretanto, admitem esse princípio, e as que não concordam com ele só podem desprezar-se umas às outras.

Não é este o *princípio da caridade, que nos ensina a não retribuir o mal com o mal e a perdoar aos inimigos?*

O Amor está por toda a Natureza

Chamo de homem vicioso ao amante vulgar, que mais ama ao corpo que à alma. O amor está por toda a natureza, e incita-nos a exercer a nossa inteligência: encontramos-lo até mesmo no movimento dos astros. É o amor que adorna a natureza com suas ricas alfombras: ele se enfeita e fixa a sua morada onde encontra flores e perfumes. É ainda o amor que traz a paz aos homens, a calma ao mar, o silêncio aos ventos e o sossego à dor.

O amor, que deve unir os homens por um sentimento de fraternidade, é uma consequência dessa teoria de Platão sobre o amor universal, como lei da natureza. Sócrates, tendo dito que "o amor não é um deus nem um mortal, mas um grande demônio", ou seja um grande Espírito que preside ao amor universal, esta afirmação lhe foi sobretudo imputada como crime.

Os médicos, o corpo e a alma

Se os médicos fracassam na maior parte das doenças, é porque tratam do corpo sem a alma, e porque, se o todo não se encontra em bom estado, é impossível que a parte esteja bem.

*

REVISTA ESPÍRITA

JORNAL DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

11^o ANO NO. 12 DEZEMBRO 1868

SESSÃO ANUAL COMEMORATIVA DOS MORTOS

(Sociedade de Paris, 1^o de novembro de 1868)

DISCURSO DE ABERTURA PELO SR. ALLAN KARDEC (1)

(1) A primeira parte desse discurso foi tomada de uma publicação anterior sobre a *Comunhão de pensamentos*, mas que era necessário lembrar, por causa da sua ligação com a ideia principal.

O Espiritismo é uma religião?

"Em qualquer lugar que se encontrem duas ou três pessoas reunidas em meu nome, eu me encontro ali no meio delas." (S. Mateus, cap. XVIII, v. 20.)

Caros irmãos e irmãs espíritas,

Estamos reunidos, neste dia consagrado pelo uso à comemoração dos mortos, para dar àqueles de nossos irmãos que deixaram a Terra, um testemunho particular de simpatia; para continuar as relações de afeto e de fraternidade que existiam entre eles e nós quando vivos, e para chamar sobre eles as bondades do

Todo-Poderoso. Mas porque nos reunir? Não podemos fazer, cada um em particular, o que nos propomos fazerem em comum? Que utilidade pode nisto ter em se reunir assim num dia determinado?

Jesus no-lo indica pelas palavras que reportamos acima. Esta utilidade está no resultado produzido pela comunhão de pensamentos que se estabelece entre pessoas reunidas com um mesmo objetivo.

Mas compreende-se bem toda a importância desta palavra: *Comunhão de pensamentos?* Seguramente, até este dia, poucas pessoas dela fizeram uma ideia completa. O Espiritismo, que tantas coisas nos explica pelas leis que nos revela, vem ainda nos explicar a causa, os efeitos e o poder desta situação do Espírito.

Comunhão de pensamento quer dizer pensamento comum, unidade de intenção, de vontade, de desejo, de aspiração. Ninguém pode desconhecer que o pensamento seja uma força; mas é uma força puramente moral e abstrata? Não; de outro modo não se explicariam certos efeitos do pensamento, e ainda menos da comunhão de pensamento. Para compreendê-lo, é preciso conhecer as propriedades e a ação dos elementos que constituem a nossa essência espiritual, e é o Espiritismo que no-lo ensina.

O pensamento é o atributo característico do ser espiritual; é ele que distingue o espírito da matéria: sem o pensamento, o espírito não seria espírito. **A vontade não é um atributo especial do espírito, é o pensamento chegado a um certo grau de energia; é o pensamento tornado força motora.** É pelo pensamento que o espírito imprime aos membros e ao corpo os movimentos num sentido determinado. Mas se ele tem o poder de agir sobre os órgãos materiais, quanto esta força deve ser maior sobre os elementos fluídicos que nos cercam! O pensamento age sobre os fluidos ambientes, como o som age sobre o ar; esses fluidos nos trazem o pensamento como, o ar nos traz o som. Pode-se, pois, dizer com toda a verdade que há nesses fluidos ondas e raios de pensamentos que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e raios sonoros.

Uma assembléia é um foco de onde irradiam pensamentos diversos; é como uma orquestra, um coro de pensamentos onde cada um produz uma nota. Disto resulta uma multidão de correntes e de eflúvios fluídicos dos quais cada um recebe a impressão pelo sentido espiritual, como num coro de música, cada um recebe a impressão dos sons pelo sentido do ouvido.

Mas, do mesmo modo que há raios sonoros harmônicos ou discordantes, há também pensamentos harmônicos ou discordantes. Se o conjunto é harmônico, a impressão é agradável; se é discordante, a impressão é penosa. Ora, por isto, não há necessidade de que o pensamento seja formulado em palavras; a irradiação fluídica não existe menos, quer ela seja expressada ou não; se todos são benevolentes, todos os assistentes nele experimentam um verdadeiro bem-estar, e se sentem comodamente; mas se é misturada com alguns pensamentos maus, eles produzem um efeito de uma corrente de ar gelado no meio tépido.

Tal é a causa do sentimento de satisfação que se sente numa reunião simpática; ali reina como uma atmosfera moral saudável, onde se respira comodamente; dali se sai reconfortado, porque se está impregnado de eflúvios salutares. Assim se explicam também a ansiedade, o mal-estar indefinível que se sente num meio antipático, onde os pensamentos malévolos provocam, por assim dizer, correntes fluídicas doentias.

A comunhão de pensamentos produz, pois, uma espécie de efeito físico que reage sobre o moral; é o que só o Espiritismo poderia fazer compreender. O homem o sente instintivamente, uma vez que procura as reuniões onde ele sabe encontrar essa comunhão; nessas reuniões homogêneas e simpáticas, ele haure novas forças morais; poder-se-ia dizer que ali recupera as perdas fluídicas que ele faz cada dia pela irradiação do pensamento, como recupera pelos alimentos as perdas do corpo material.

A esses efeitos da comunhão de pensamentos junta-se um outro que lhe é consequência natural, e que importa não perder de vista: é a força que adquire o pensamento ou a vontade, pelo conjunto dos pensamentos ou vontades reunidas. Sendo a vontade uma força ativa, esta força é multiplicada pelo número das vontades idênticas, como a força muscular é multiplicada pelo número dos braços.

Estabelecido este ponto, concebe-se que nas relações que se estabelecem entre os homens e os Espíritos, haja, numa reunião onde reina uma perfeita comunhão de pensamentos, uma força atrativa ou repulsiva que um indivíduo isolado nem sempre possui. Se, até o presente, as reuniões muito numerosas são menos favoráveis, é pela dificuldade de obter uma homogeneidade perfeita de pensamentos, o que se prende à imperfeição da natureza humana sobre a Terra. Quanto mais as reuniões são numerosas, mais nela se misturam elementos heterogêneos que paralisam a ação dos bons elementos, e que são como os grãos de areia numa engrenagem. Não ocorre o mesmo nos mundos mais avançados, e esse estado de coisas mudará sobre a Terra, à medida que os homens se tornarem melhores.

Para os Espíritos, a comunhão de pensamentos tem um resultado mais especial ainda. Vimos o efeito dessa comunhão de homem a homem; o Espiritismo nos prova que ela não é menor dos homens para os Espíritos, e reciprocamente. Com efeito, se o pensamento coletivo adquire força pelo número, um conjunto de pensamentos idênticos, tendo o bem por objetivo, terá mais força para neutralizar a ação dos maus Espíritos; também vemos que a tática destes últimos é de levar à divisão e ao isolamento. Sozinho, um homem pode sucumbir, ao passo que se sua vontade está corroborada por outras vontades, ele poderá resistir, segundo o axioma: *A união faz a força*, axioma verdadeiro no moral como no físico.

De um outro lado, se a ação dos Espíritos malévolos pode ser paralisada por um pensamento comum, é evidente que a dos bons Espíritos será secundada; sua influência salutar não encontrará obstáculos; seus eflúvios fluídicos, não sendo detidos por correntes contrárias, se derramarão sobre todos os assistentes, precisamente porque todos os terão atraído pelo pensamento, não cada um em seu proveito pessoal, mas em proveito de todos, segundo a lei de caridade. Descerão sobre eles em língua de fogo, para nos servir de uma admirável imagem do Evangelho.

Assim, pela comunhão de pensamentos, os homens se assistem entre si, e, ao mesmo tempo, assistem os Espíritos e são por eles assistidos. As relações do mundo visível e do mundo invisível não são mais individuais, são coletivas, e, por isto mesmo mais poderosas para o proveito das massas, como para o dos indivíduos; em uma palavra, ela estabelece a solidariedade, que é a base da fraternidade. Cada um não trabalha só para si, mas para todos, e em

trabalhando todos cada um nisso encontra sua conta; é o que o egoísmo não compreende.

Graças ao Espiritismo, pois, compreendemos o poder e os efeitos do pensamento coletivo; explicamo-nos melhor o sentimento de bem-estar que se experimenta num meio homogêneo e simpático; mas sabemos igualmente que ocorre o mesmo com os Espíritos, porque eles também recebem os eflúvios de todos os pensamentos benevolentes que se elevam para eles, como uma emanção de perfume. Aqueles que são felizes sentem uma maior alegria desse concerto harmônico; aqueles que sofrem dele sentem um maior alívio.

Todas as reuniões religiosas, seja qualquer culto a que pertençam, são fundadas sobre a comunhão de pensamentos; é aí, com efeito, que ela deve e pode exercer toda a sua força, porque o objetivo deve ser o desligamento do pensamento das amarras da matéria. Infelizmente, a maioria se afastou deste princípio, à medida que fizeram da religião uma questão de forma. Disto resultou que, cada um fazendo consistir seu dever no cumprimento da forma, se acredita quite com Deus e com os homens, quando praticou uma fórmula. Disto resulta ainda que *cada um vai aos lugares de reuniões religiosas com um pensamento pessoal, por sua própria conta, e, o mais frequentemente, sem nenhum sentimento de confraternização em relação aos outros assistentes: ele está isolado no meio da multidão, e não pensa no céu senão para si mesmo.*

Não era certamente assim que o entendia Jesus quando disse: "Quando estiverdes vários reunidos em meu nome, eu estarei em vosso meio." Reunidos em meu nome, quer dizer, com um pensamento comum; mas não se pode estar reunidos em nome de Jesus sem assimilar os seus princípios, a sua doutrina; ora, qual é o princípio fundamental da doutrina de Jesus? A caridade em pensamentos, em palavras e em ações.

Os egoístas e os orgulhosos mentem quando se dizem reunidos em nome de Jesus, porque Jesus os desaprova por seus discípulos.

Tocados por esses abusos e desvios, há pessoas que negam a utilidade das assembleias religiosas, e, por conseguinte, dos edifícios consagrados a essas assembleias. Em seu radicalismo, eles pensam que melhor seria construir hospícios do que templos, tendo em vista que o templo de Deus está por toda a parte, que ele pode ser adorado por toda a parte, que cada um pode pedir em sua casa e a toda hora, ao passo que os pobres, os doentes e os enfermos têm necessidade de lugares de refúgio.

Mas do fato de que são cometidos abusos, de que se afastou do caminho reto, segue-se que o caminho reto não existe, e que de tudo o que se abusa seja mau? Falar assim é desconhecer a fonte e os benefícios da comunhão de pensamento que deve ser a essência das assembleias religiosas; é ignorar as causas que a provocam. Que materialistas professem semelhantes ideias, se o concebe; porque, por eles, em todas as coisas fazem abstração da vida espiritual; mas da parte de espiritualistas, e melhor ainda de Espíritas, isto seria um contrassenso. O *isolamento religioso, como o isolamento social, conduz ao egoísmo.* Que alguns homens sejam bastante fortes por si mesmos, bastante e largamente dotados pelo coração, para que sua fé e sua caridade não tenham necessidade de ser aquecidas em um foco comum, é possível; mas não ocorre assim com as massas, a quem é preciso um estimulante, sem o qual elas se poderiam deixar ganhar pela indiferença. Além disto, qual é o homem que possa se dizer bastante esclarecido

para não ter nada a aprender no que toca aos seus interesses futuros? Bastante perfeito para abster-se de conselhos na vida presente? É sempre capaz de se instruir por si mesmo? Não; ele precisa da maioria dos ensinamentos diretos de religião e de moral, como em matéria de ciência. Sem contradita, esse ensinamento pode ser dado por toda a parte, sob a abóbada do céu como sob a de um templo; mas por que os homens não teriam lugares especiais para negócios do céu, como os têm para os negócios da Terra? Por que não teriam assembleias religiosas, como eles têm assembleias políticas, científicas e industriais? Está aí uma bolsa onde se ganha sempre sem fazer ninguém perder nada. Isto não impede as fundações em proveito dos infelizes; mas dizemos além, que *quando os homens compreenderem melhor seus interesses do céu, haverá menos gente nos hospícios.*

Se as assembleias religiosas, nós falamos em geral, sem fazer alusão a nenhum culto, muito frequentemente se afastaram do objetivo primitivo principal, que é a comunhão fraterna do pensamento; se o ensino que ali é dado nem sempre segue o movimento progressivo da Humanidade é que os homens não realizam todos os progressos ao mesmo tempo; o que eles não fazem num período, o fazem num outro; à medida que se esclarecem, veem as lacunas que existem em suas instituições, e as preenchem; eles compreendem que o que era bom em uma época, em relação ao grau da civilização, torna-se insuficiente num estado mais avançado, e restabelecem o nível. O Espiritismo, nós o sabemos, é a grande alavanca do progresso em todas as coisas; ele marca uma era de renovação. Saibamos, pois, esperar, e não peçamos a uma época mais do que ela pode dar. Como as plantas, é preciso que as ideias amadureçam para serem colhidos seus frutos. Saibamos, além disto, fazer as concessões necessárias às épocas de transição, porque nada, na Natureza, se opera de maneira brusca e instantânea.

**VERDADEIRO CONCEITO DE RELIGIÃO =
LAÇO QUE RELIGA OS HOMENS NUMA
COMUNHÃO DE SENTIMENTOS, DE PRINCÍPIOS E
DE CRENÇAS**

Dissemos que o verdadeiro objetivo das assembleias religiosas deve ser a *comunhão de pensamentos*; é que, com efeito, a palavra *religião* quer dizer laço; uma religião, em sua acepção ampla e verdadeira, é um laço que *religa* os homens numa comunhão de sentimentos, de princípios e de crenças; consecutivamente, esse nome foi dado a esses mesmos princípios codificados e formulados em dogmas ou artigos de fé. É nesse sentido que se diz: a *religião política*, no entanto, mesmo nesta acepção, a palavra *religião* não é sinônimo de *opinião*; ela implica uma ideia particular: a de *fé conscienciosa*; é porque se diz também: a *fé política*. Ora, os homens podem se alistar, por interesse, num partido, sem ter a fé desse partido, e a prova disto é que o deixam, sem escrúpulo, quando encontram seu interesse em outra parte, ao passo que aquele que o abraça por convicção é inabalável; ele persiste ao preço dos maiores sacrifícios e é a abnegação dos interesses pessoais que é a verdadeira pedra de toque da fé sincera. No entanto, se a renúncia a uma opinião, motivada por interesse, é um ato de covardia desprezível, ela é respeitável, ao contrário, quando é o fruto do reconhecimento do erro em que se está; é, então, um ato de abnegação e de razão. Há mais coragem e grandeza em reconhecer abertamente que se está errado, do que persistir, por amor-próprio, naquilo que se sabe ser falso, e para não dar um desmentido a si

mesmo, o que acusa mais teimosia do que firmeza, mais orgulho do que julgamento, e mais fraqueza do que força. É mais ainda: é a hipocrisia, porque se quer parecer o que não se é; é, além disso má ação, porque é encorajar o erro por seu próprio exemplo.

O laço estabelecido por uma religião, qualquer que lhe seja o objeto, é, pois, um laço essencialmente moral, que religa os corações, que identifica os pensamentos, as aspirações, e não é somente o fato de compromissos materiais, que se quebram à vontade, ou do cumprimento de fórmulas que falam aos olhos mais do que ao espírito. O efeito desse laço moral é de estabelecer entre aqueles que une, como consequência da comunhão de objetivos e de sentimentos, a *fraternidade e a solidariedade*, a indulgência e a benevolência mútuas. É nesse sentido que se diz também: a religião da amizade, a religião da família.

Se assim é, dir-se-á, o Espiritismo é, pois, uma religião?

Pois bem, sim! Sem dúvida, Senhores; no sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e disto nos glorificamos, porque é a doutrina que fundamenta os laços da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre as bases mais sólidas: as próprias leis da Natureza.

Por que, pois, declaramos que o Espiritismo não é uma religião?

Pela razão de que não há senão uma palavra para expressar duas ideias diferentes, e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; que ela desperta exclusivamente uma ideia de forma, e que o Espiritismo não a tem. Se o Espiritismo se dissesse religião, o público não veria nele senão uma nova edição, uma variante, querendo-se, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com um cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; não o separaria das ideias de misticismo, e dos abusos contra os quais a opinião frequentemente é levantada.

O Espiritismo, não tendo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual da palavra, não se poderia, nem deveria se ornar de um título sobre o valor do qual, inevitavelmente, seria desprezado; eis porque ele se diz simplesmente: doutrina filosófica e moral.

As reuniões espíritas podem, pois, ser mantidas religiosamente, quer dizer, com recolhimento e o respeito que comporta a natureza séria dos assuntos dos quais elas se ocupam; pode-se mesmo ali dizer, se for possível, as preces que, em lugar de serem ditas em particular, são ditas em comum, sem ser por isto que se entendam por *assembleias religiosas*. Que não se creia que esteja aí um jogo de palavras; a nuance é perfeitamente clara, e a aparente confusão não vem senão da falta de uma palavra para cada ideia.

Qual é, pois, o laço que deve existir entre os Espíritas? Eles não são unidos entre si por nenhum contrato material, por nenhuma prática obrigatória; qual é o sentimento no qual devem se confundir todos os pensamentos? É um sentimento todo moral, todo espiritual, todo humanitário: o da caridade para todos, de outro modo dito: o amor do próximo que compreende os vivos e os mortos, uma vez que sabemos que os mortos sempre fazem parte da Humanidade.

A caridade é a alma do Espiritismo: ela resume todos os deveres do homem para consigo mesmo e para com os seus semelhantes; é porque pode se dizer que não há verdadeiro Espírita sem caridade.

Mas a caridade é ainda uma dessas palavras de sentido múltiplo, da qual é necessário bem compreender toda a importância; e se os Espíritos não cessam de pregá-la e de defini-la, é que, provavelmente, reconhecem que isto é ainda necessário.

O campo da caridade é muito vasto; ele compreende duas grandes divisões que, por falta de termos especiais, podem designar-se pelas palavras: *Caridade beneficente e caridade benevolente*. Compreende-se facilmente a primeira, que é naturalmente proporcional aos recursos materiais dos quais se dispõe; mas a segunda está ao alcance de todo o mundo, do mais pobre como do mais rico. Se a beneficência é forçosamente limitada, nenhuma outra, senão a vontade, pode pôr limites à benevolência.

O que é preciso, pois, para praticar a caridade benevolente? Amar seu próximo como a si mesmo: ora, amando-se ao seu próximo quanto a si mesmo, se o amará muito; se agirá para com outrem como se gosta que os outros ajam para conosco, não se desejará nem se fará mal a ninguém, porque não gostaríamos que no-lo fizessem.

Amar seu próximo é, pois, abjurar todo sentimento de ódio, de animosidade, de rancor, de inveja, de ciúme, de vingança, em uma palavra, todo desejo e todo pensamento de prejudicar; é perdoar os seus inimigos e restituir o bem onde haja o mal; é ser indulgente para com as imperfeições de seus semelhantes e não procurar a palha no olho de seu vizinho, então que não se vê a trave que está no seu; é ocultar ou desculpar as faltas de outrem, em lugar de se comprazer em pô-las em relevo pelo espírito de denegrir; é ainda não se fazer valer às custas dos outros; de não procurar esmagar ninguém sob o peso de sua superioridade; de não desprezar ninguém por orgulho. Eis a verdadeira caridade benevolente, a caridade prática, sem a qual a caridade é uma palavra vã; é caridade do verdadeiro Espírita como do verdadeiro cristão; aquela sem a qual aquele que diz: *Fora da caridade não há salvação*, pronuncia a sua própria condenação, neste mundo tão bem quanto no outro.

Quantas coisas haveria a se dizer sobre este assunto! Quantas belas instruções nos dão, sem cessar, os Espíritos! Sem o medo de ser muito longo e de abusar de vossa paciência, senhores, seria fácil demonstrar que, em se colocando do ponto de vista do interesse pessoal, egoísta, querendo-se, porque todos os homens não estão ainda maduros para uma abnegação completa, para fazer o bem unicamente pelo amor ao bem, seria, digo eu, fácil de demonstrar que têm tudo a ganhar agindo dessa maneira e tudo a perder agindo de outro modo, mesmo em suas relações sociais; depois, o bem atrai o bem e a proteção dos bons Espíritos; o mal atrai o mal e abre a porta à maldade dos maus. Cedo ou tarde o orgulhoso é castigado pela humilhação, o ambicioso pelas decepções, o egoísta pela ruína de suas esperanças, o hipócrita pela vergonha de ser desmascarado; aquele que abandona os bons Espíritos por eles é abandonado, e, de queda em queda, se vê, enfim, no fundo do abismo, ao passo que os bons Espíritos levantam e sustentam aquele que, em suas maiores provas, não deixa de confiar na Providência e não desvia jamais do caminho reto; aquele, enfim, cujos secretos sentimentos não escondem nenhum pensamento dissimulado de vaidade ou de interesse pessoal.

Portanto, de um lado, ganho assegurado; do outro, perda certa; cada um, em virtude de seu livre arbítrio, pode escolher a chance que quer correr, mas não poderá tomar senão de si mesmo as consequências de sua escolha.

RELIGIÃO DO ESPIRITISMO

Crer em um Deus todo-poderoso, soberanamente justo e bom; crer na alma e em sua imortalidade; na preexistência da alma como única justificativa do presente; na pluralidade das existências como meio de expiação, de reparação e de adiantamento intelectual e moral; na perfectibilidade dos seres mais imperfeitos; na felicidade crescente na perfeição; na equitativa remuneração do bem e do mal, segundo o princípio: a cada um segundo as suas obras; na igualdade da justiça para todos, sem exceções, favores nem privilégios para nenhuma criatura; na duração da expiação limitada à da imperfeição; no livre arbítrio do homem, que lhe deixa sempre a escolha entre o bem e o mal; crer na continuidade das relações entre o mundo visível e o mundo invisível, na solidariedade que religa todos os seres passados, presentes e futuros, encarnados e desencarnados, considerar a vida terrestre como transitória e uma das fases da vida do Espírito, que é eterno; aceitar corajosamente as provações, tendo em vista o futuro mais invejável do que o presente; praticar a caridade em pensamentos, em palavras e em ações na mais ampla acepção da palavra; se esforçar cada dia para ser melhor do que na véspera, extirpando alguma imperfeição de sua alma; submeter todas as suas crenças ao controle do livre exame e da razão, e nada aceitar pela fé cega; respeitar todas as crenças sinceras, por irracionais que nos pareçam, e não violentar a consciência de ninguém; ver, enfim, nas diferentes descobertas da ciência a revelação das leis da Natureza, que são as leis de Deus: eis o *Credo, a religião do Espiritismo*, religião que pode se conciliar com todos os cultos, quer dizer, com todas as maneiras de adorar a Deus. É o laço que deve unir todos os Espíritas em uma santa comunhão de pensamentos, à espera que una todos os homens sob a bandeira da fraternidade universal.

Com a fraternidade, filha da caridade, os homens viverão em paz, se poupando os males inumeráveis que nascem da discórdia, filha, a seu turno, do orgulho, do egoísmo, da ambição, do ciúme e de todas as imperfeições da Humanidade.

O Espiritismo dá aos homens tudo o que é preciso para sua felicidade neste mundo, porque lhes ensina a se contentarem com aquilo que têm; que os Espíritas sejam, pois, os primeiros a aproveitarem os benefícios que ele traz, e que inaugura entre eles o reino da harmonia, que resplandecerá nas gerações futuras.

Os Espíritos que nos cercam aqui são inumeráveis, atraídos pelo objetivo que nos propusemos em nos reunindo, a fim de darem aos nossos pensamentos a força que nasce da união. Doemos àqueles que nos são caros uma boa lembrança e um testemunho de nossa afeição, os encorajamentos e as consolações àqueles que deles têm necessidade. Façamos de maneira que cada um receba a sua parte dos sentimentos de caridade benevolente, da qual estaremos animados, e que esta reunião traga os frutos que todos estão no direito de esperá-los.

ALLAN KARDEC.

RELIGIÃO DOS ALCOÓLICOS ANÔNIMOS

RESUMO PARA USAR EM PALESTRAS

COLETÂNEA ELABORADA POR

JOSÉ FLEURÍ QUEIROZ

AMIGO DOS A.A. DE BURI-SP

GRUPO BOA VONTADE

RELIGIÃO DOS ALCOÓLICOS ANÔNIMOS

*

A.A. e a religião

Embora não adotando nenhuma religião em particular, a Irmandade de Alcoólicos Anônimos assimilou e incorporou aos seus princípios básicos, alguns dos ensinamentos espirituais e morais, comuns a todas as denominações religiosas. Profunda, gratificante, e sobretudo inspiradora, foi a assistência recebida pelos cofundadores de A.A. de parte do Padre Ed. Dowling, da Ordem Jesuíta de St. Lous, e do Clérigo Episcopal Sam Shoemaker, tido como o principal inspirador dos Doze Passos de A.A.

Em todos os países onde se instalaram grupos de A.A., a Irmandade tem encontrado estímulo e apoio por parte dos líderes religiosos local, independentemente da religião predominante em qualquer desses países. A essa regra geral não foge o Brasil, onde até mesmo a grande maioria dos grupos está instalada em salões paroquiais, predominando, como é natural, os pertencentes às igrejas católicas.

A exemplo do que acontece com médicos amigos, também alguns religiosos participam ativamente dos serviços organizados de A.A., em diversos países.

(extraído do livreto Alcoólicos Anônimos - Primeiras Noções para o Público em geral.)

*

A.A. é uma sociedade religiosa, ou um Movimento de Temperança? (Qualidade ou virtude de quem é moderado ou de quem modera apetites e paixões. Sobriedade; parcimônia...)

A.A. é uma sociedade religiosa?

Não, A.A. não é uma sociedade religiosa, pois não impõe nenhuma crença religiosa definida como condição para ser membro. Embora aprovada e apoiada por muitos líderes religiosos, não é ligada a nenhuma organização ou seita. Entre seus membros encontram-se católicos, protestantes, judeus, membros de outras religiões, agnósticos e ateus.

O programa de recuperação de A.A. baseia-se inegavelmente na aceitação de certos valores espirituais. Cada membro pode interpretar à sua vontade esses valores ou até mesmo nem lhes dar importância se assim o desejar.

A maioria dos membros, antes mesmo de procurar A.A. já havia admitido que não podia controlar-se com relação à bebida.

O álcool havia se tornado um poder superior a ela, tendo sido aceito nesses termos. A.A. sugere que, para alcançar e manter a sobriedade, o alcoólico precisa aceitar e confiar em outro Poder, que reconhece ser superior a ele mesmo. Alguns alcoólicos consideram que o próprio Grupo de A.A. é o Poder superior a eles mesmos; para muitos outros esse poder é Deus - na forma que O concebe.

Todavia, há ainda outros que contam com conceitos inteiramente diferentes de um Poder Superior.

Alguns alcoólicos, quando procuram A.A., mostram claras reservas quanto à aceitação de qualquer conceito de um Poder Superior a si mesmo. A experiência mostra que, se mantiverem uma mente aberta sobre o assunto e continuarem assistindo às reuniões de A.A., provavelmente não terão grandes dificuldades em chegar a uma solução aceitável para esse problema decididamente pessoal.

A.A. é um movimento de temperança?

Não. A.A. não tem ligação alguma com os movimentos de temperança. A.A. "não apóia nem combate quaisquer causas". Essa frase, do resumo amplamente aceito dos objetivos da Irmandade, naturalmente se aplica à questão dos chamados movimentos de temperança. O alcoólico que alcançou a sobriedade e está tentando seguir o programa de recuperação de A.A. tem uma atitude a respeito do álcool que poderia assemelhar-se à atitude do diabético com relação aos doces.

Embora muitos membros de A.A. reconheçam que o álcool poderá não fazer mal para algumas pessoas, sabem que para eles é um veneno. O membro típico de A.A. não deseja privar ninguém de algo que, usando bem, possa ser uma fonte de prazer. Ele simplesmente reconhece que, pessoalmente, é incapaz de controlar a bebida alcoólica.

Fonte: livro "Reflexões Diárias". AABR: ALCOÓLICOS ANÔNIMOS BRASIL.

*

As doze tradições de A.A.

2. Somente uma autoridade preside, em última análise, o nosso propósito comum - um Deus amantíssimo que Se manifesta em nossa consciência coletiva. Nossos líderes são apenas servidores de confiança; não têm poderes para governar.

*

Os Doze Passos (para os Alcoólicos Anônimos) são:

1. Admitimos que éramos impotentes perante o álcool – que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas.

2. Viemos a acreditar que um Poder Superior a nós mesmos poderia devolver-nos à sanidade.

3. Decidimos entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus, na forma em que O concebíamos.

4. Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos.

5. Admitimos perante Deus, perante nós mesmos e perante outro ser humano, a natureza exata de nossas falhas.

6. Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.

7. Humildemente rogamos a Ele que nos livrasse de nossas imperfeições.

8. Fizemos uma relação de todas as pessoas que tínhamos prejudicado e nos dispusemos a reparar os danos a elas causados.

9. Fizemos reparações diretas dos danos causados a tais pessoas, sempre que possível, salvo quando fazê-lo significasse prejudicá-las ou a outrem.

10. Continuamos fazendo o inventário pessoal e, quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente.

11. Procuramos, através da prece e da meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, na forma em que O concebíamos, rogando apenas o conhecimento de Sua vontade em relação a nós, e forças para realizar essa vontade.

12. Tendo experimentado um despertar espiritual, graças a esses Passos, procuramos transmitir essa mensagem aos alcoólicos e praticar esses princípios em todas as nossas atividades.

*

CARTA DE Bill Wilson. a Carl Jung (Inspirador da criação do A. A.)

Do livro: DESPERTAR ESPIRITUAL

VIAGENS DO ESPÍRITO

Aqui está um capítulo de vital importância na história dos inícios do A. A., primeiramente publicado na GRAPEVINE, em janeiro de 1963, sendo reeditado em janeiro de 1968 e em novembro de 1974.

CARTA DE BILL, W. Janeiro 23, 1961.

Meu Caro Dr. Jung,

Esta carta há muito lhe deveria ter sido enviada.

Devo primeiramente apresentar-me ao Senhor como Bill W. um dos cofundadores das sociedades dos Alcoólicos Anônimos. Embora seja provável que o Sr. Já tenha ouvido falar de nós, com certeza ignora que uma conversa que manteve com um de seus pacientes, Mr. Rowland, nos idos de 1930, tornou-se uma das regras fundamentais da nossa Sociedade.

...

A minha lembrança deste relato do encontro entre ambos é que se segue: **primeiramente disse-lhe o Senhor francamente que não via esperanças para ele em novos tratamentos, fossem eles médicos ou psiquiátricos. Esta sua posição sincera e humilde foi, sem dúvida, a primeira pedra em que fundamentamos a nossa Sociedade.**

Tal afirmação, vinda de quem ele tanto confiava e admirava produziu sobre ele o mais violento impacto.

Quanto ele lhe perguntou se então não haveria para ele alguma esperança, o Senhor lhe respondeu que poderia haver sim e que esta seria a de tornar-se sujeito de uma genuína experiência espiritual ou religiosa - em resumo, de uma autêntica conversão. Tal experiência poderia motivá-lo mais que outra qualquer, disse-lhe o Senhor. Mas preveniu-o de que conquanto tais experiências tivessem acontecido a alguns alcoólicos, elas eram comparativamente raras. E recomendou-lhe que se colocasse em uma atmosfera religiosa e que esperasse. Esta foi a substância do seu conselho.

Prontamente Mr. Rowland juntou-se ao Oxford Group, um movimento evangélico de grande sucesso na Europa, movimento este que lhe deve ter sido familiar.

Certamente o Senhor se lembrara da grande ênfase que davam aos princípios de autovigilância, da confissão, da reparação e da doação pessoal ao serviço dos outros. Eles também praticavam a meditação e a prece intensivamente. E foi nesta prática que Mr. Rowland encontrou a experiência de conversão, que o libertou, finalmente, da compulsão de beber.

Voltando à Nova York tornou-se membro ativo do Oxford Group, entidade então conduzida pelo Dr. Samuel Shoemaker. Dr. Shoemaker havia sido um dos fundadores daquele movimento e a sua poderosa personalidade era carregada de imensa sinceridade e convicção.

...

Desesperado, então gritei: - "Se existir um deus, que ele se mostre para mim". Imediatamente, uma iluminação de enorme impacto e dimensão envolveu-me, uma coisa extraordinária que tentei descrever no meu livro Alcoholics Anonymous, bem como em "A.A. Come of Age", textos básicos que lhe estou enviando agora.

Meu desligamento da obsessão pelo álcool foi imediato. Senti que me havia tornado um homem livre.

...

Durante a minha experiência religiosa tive a inspiração de uma sociedade de alcoólicos em que cada um se identificasse com o outro e lhe transmitisse a sua experiência, em uma espécie de cadeia. Se cada sofredor tinha que dar a notícia do veredicto de incurável que a ciência médica conferia ao ingresso no tratamento, deveria também lhe colocar a possibilidade de uma abertura a uma experiência de transformação espiritual. Este conceito provou ter sido a base de posteriores conquistas dos alcoólicos anônimos. Isto fez com que as experiências da conversão, quase tão múltiplas quanto as citadas por W. James se tornassem disponíveis em larga escala.

Nossos associados somavam no último quarto de século o número de 300.000. Na América e através de todo o mundo eles chegam a formar 8.000 grupos de A. A.

Assim sendo, nós do A. A. fomos extremamente beneficiados pelo Senhor, pelo Dr. Shoemaker do Oxford Group, por William James e pelo nosso amigo, o médico Dr. Silkworth.

Como vê o Senhor claramente agora, esta espantosa cadeia de acontecimentos realmente começou há muitos anos, na sala do seu consultório e foi desencadeada pela sua humildade e profunda percepção.

...

*

EXISTÊNCIA DE DEUS

1. - Sendo Deus a causa primária de todas as coisas, a origem de tudo o que existe, a base sobre que repousa o edifício da criação, é também o ponto que importa considerarmos antes de tudo.

2. - Constitui princípio elementar que pelos seus efeitos é que se julga de uma causa, mesmo quando ela se conserve oculta.

Se, fendendo os ares, um pássaro é atingido por mortífero grão de chumbo, deduz-se que hábil atirador o alvejou, ainda que este último não seja visto. Nem sempre, pois, se faz necessário vejamos uma coisa, para sabermos que ela existe. Em tudo, observando os efeitos é que se chega ao conhecimento das causas.

DEUS

Passei tanto tempo Te procurando. Não sabia onde estavas.

Olhava para o infinito, não Te via. E pensava comigo mesmo, será que Tu existes?

Não me contentava na busca e prosseguia. Tentava Te encontrar nas religiões e nos Templos. Tu também não estavas.

Te busquei através dos sacerdotes e pastores. Também não Te encontrei.

Senti-me só, vazio, desesperado e descri. E na descrença Te ofendi. E na ofensa tropecei. E no tropeço caí. E na queda senti-me fraco. Fraco, procurei socorro. No socorro encontrei amigos. Nos amigos encontrei carinho. No carinho eu vi nascer o amor. Com amor eu vi um mundo novo. E no mundo novo resolvi viver. O que recebi, resolvi doar. Doando alguma coisa muito recebi. E em recebendo senti-me feliz. E ao ser feliz, encontrei a paz. E tendo a paz foi que enxerguei que dentro de mim é que Tu estavas. E sem procurar-Te, foi que Te encontrei. *Autor Desconhecido*

*

RESUMO DA DOUTRINA DE SÓCRATES E PLATÃO

O homem é uma alma encarnada

Antes de sua encarnação, ela existia junto aos modelos primordiais, às ideias do verdadeiro, do bem e do belo. Separou-se delas ao encarnar-se, e lembrando seu passado, sente-se mais ou menos atormentada pelo desejo de a elas voltar.

Não se pode enunciar mais claramente a distinção e a independência dos dois princípios, o inteligente e o material. Além disso, temos aí a doutrina da preexistência da alma; da vaga intuição que ela conserva, da existência de outro mundo, ao qual aspira; de sua sobrevivência à morte do corpo; de sua saída do mundo espiritual, para encarnar-se; e da sua volta a esse mundo, após a morte. É, enfim, o germe da doutrina dos anjos decaídos.

A Alma se perturba e confunde, quando se serve do corpo para considerar algum objeto; sente vertigens, como se estivesse ébria, porque se liga a coisas que são, por sua natureza, sujeitas a transformações. Em vez disso, quando contempla sua própria essência, ela se volta para o que é puro, eterno, imortal, e sendo da mesma natureza permanece nessa contemplação tanto tempo quanto possível. Cessam então as suas perturbações, e esse estado da alma é o que chamamos de sabedoria.

O verdadeiro sábio e os olhos da alma. Espíritos protetores. Reencarnações sucessivas

Assim, o homem que considera as coisas de baixo, terra a terra, do ponto de vista material, vive iludido. Para apreciá-las com justeza, é necessário vê-las do alto, ou seja, do ponto de vista espiritual. O verdadeiro sábio deve, portanto, de algum modo, isolar a alma do corpo, para ver com os olhos do espírito.

Após a nossa morte, o gênio (daimon, démon) que nos havia sido designado durante a vida, nos leva um lugar onde se reúnem todos os que devem ser conduzidos ao Hades, para o julgamento. As almas, depois de permanecerem no Hades o tempo necessário, são reconduzidas a esta vida, por numerosos e longos períodos.

Esta é a doutrina dos Anjos guardiães ou Espíritos protetores, e das reencarnações sucessivas, após intervalos mais ou menos longos de erraticidade.

Não se deve nunca retribuir a injustiça com a injustiça, nem fazer mal a ninguém, qualquer que seja o mal que nos tenham feito.

Poucas pessoas, entretanto, admitem esse princípio, e as que não concordam com ele só podem desprezar-se umas às outras.

Não é este o princípio da caridade, que nos ensina a não retribuir o mal com o mal e a perdoar aos inimigos?

O Amor está por toda a Natureza

Chamo de homem vicioso ao amante vulgar, que mais ama ao corpo que à alma. O amor está por toda a natureza, e incita-nos a exercer a nossa inteligência: encontramos-lo até mesmo no movimento dos astros. É o amor que adorna a natureza com suas ricas alfombras: ele se enfeita e fixa a sua morada onde encontra flores e perfumes. É ainda o amor que traz a paz aos homens, a calma ao mar, o silêncio aos ventos e o sossego à dor.

O amor, que deve unir os homens por um sentimento de fraternidade, é uma consequência dessa teoria de Platão sobre o amor universal, como lei da natureza. Sócrates, tendo dito que "o amor não é um deus nem um mortal, mas um grande demônio", ou seja um grande Espírito que preside ao amor universal, esta afirmação lhe foi sobretudo imputada como crime.

Os médicos, o corpo e a alma

Se os médicos fracassam na maior parte das doenças, é porque tratam do corpo sem a alma, e porque, se o todo não se encontra em bom estado, é impossível que a parte esteja bem.

*

VERDADEIRO CONCEITO DE RELIGIÃO
LAÇO QUE RELIGA OS HOMENS NUMA
COMUNHÃO DE SENTIMENTOS, DE PRINCÍPIOS E
DE CRENÇAS.

BREVISTA ESPÍRITA
JORNAL DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS
11^o ANO NO. 12 DEZEMBRO 1868
SESSÃO ANUAL COMEMORATIVA DOS MORTOS
(Sociedade de Paris, 1^o de novembro de 1868)

DISCURSO DE ABERTURA PELO SR. ALLAN KARDEC (1)

(1) A primeira parte desse discurso foi tomada de uma publicação anterior sobre a *Comunhão de pensamentos*, mas que era necessário lembrar, por causa da sua ligação com a ideia principal.

O Espiritismo (O Alcoólicos Anônimos) é uma religião?

“Em qualquer lugar que se encontrem duas ou três pessoas reunidas em meu nome, eu me encontro ali no meio delas.” (S. Mateus, cap. XVIII, v. 20.)

...

Comunhão de pensamento quer dizer pensamento comum, unidade de intenção, de vontade, de desejo, de aspiração. Ninguém pode desconhecer que o pensamento seja uma força; mas é uma força puramente moral e abstrata? Não; de outro modo não se explicariam certos efeitos do pensamento, e ainda menos da comunhão de pensamento. Para compreendê-lo, é preciso conhecer as propriedades e a ação dos elementos que constituem a nossa essência espiritual, e é o Espiritismo que no-lo ensina.

O pensamento é o atributo característico do ser espiritual; é ele que distingue o espírito da matéria: sem o pensamento, o espírito não seria espírito. **A vontade não é um atributo especial do espírito, é o pensamento chegado a um certo grau de energia; é o pensamento tornado força motora.** É pelo pensamento que o espírito imprime aos membros e ao corpo os movimentos num sentido determinado. Mas se ele tem o poder de agir sobre os órgãos materiais, quanto esta força deve ser maior sobre os elementos fluídicos que nos cercam! O pensamento age sobre os fluidos ambientes, como o som age sobre o ar; esses fluidos nos trazem o pensamento como, o ar nos traz o som. Pode-se, pois, dizer com toda a verdade que há nesses fluidos ondas e raios de pensamentos que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e raios sonoros.

...

A comunhão de pensamentos produz, pois, uma espécie de efeito físico que reage sobre o moral; é o que só o Espiritismo poderia fazer compreender.

O homem o sente instintivamente, uma vez que procura as reuniões onde ele sabe encontrar essa comunhão; nessas reuniões homogêneas e simpáticas, ele haure novas forças morais; poder-se-ia dizer que ali recupera as perdas fluídicas que ele faz cada dia pela irradiação do pensamento, como recupera pelos alimentos as perdas do corpo material.

A esses efeitos da comunhão de pensamentos junta-se um outro que lhe é consequência natural, e que importa não perder de vista: é a força que adquire o pensamento ou a vontade, pelo conjunto dos pensamentos ou vontades reunidas. Sendo a vontade uma força ativa, esta força é multiplicada pelo número das vontades idênticas, como a força muscular é multiplicada pelo número dos braços.

...

Assim, pela comunhão de pensamentos, os homens se assistem entre si, e, ao mesmo tempo, assistem os Espíritos e são por eles assistidos. As relações do mundo visível e do mundo invisível não são mais individuais, são coletivas, e, por isto mesmo mais poderosas para o proveito das massas, como para o dos indivíduos; em uma palavra, ela estabelece a solidariedade, que é a base da fraternidade. Cada um não trabalha só para si, mas para todos, e em trabalhando todos cada um nisso encontra sua conta; é o que o egoísmo não compreende.

...

Todas as reuniões religiosas, seja qualquer culto a que pertençam, são fundadas sobre a comunhão de pensamentos; é aí, com efeito, que ela deve e pode exercer toda a sua força, porque o objetivo deve ser o desligamento do pensamento das amarras da matéria. Infelizmente, a maioria se afastou deste princípio, à medida que fizeram da religião uma questão de forma. Disto resultou que, cada um fazendo consistir seu dever no cumprimento da forma, se acredita quite com Deus e com os homens, quando praticou uma fórmula. Disto resulta ainda que *cada um vai aos lugares de reuniões religiosas com um pensamento pessoal, por sua própria conta, e, o mais frequentemente, sem nenhum sentimento de confraternização em relação aos outros assistentes: ele está isolado no meio da multidão, e não pensa no céu senão para si mesmo.*

...

RELIGIÃO = LAÇO QUE RELIGA OS HOMENS NUMA COMUNHÃO DE SENTIMENTOS, DE PRINCÍPIOS E DE CRENÇAS

Dissemos que o verdadeiro objetivo das assembleias religiosas deve ser a *comunhão de pensamentos*; é que, com efeito, a palavra *religião* quer dizer laço; uma religião, em sua acepção ampla e verdadeira, é um laço que *religa* os homens numa comunhão de sentimentos, de princípios e de crenças; consecutivamente, esse nome foi dado a esses mesmos princípios codificados e formulados em dogmas ou artigos de fé.

...

O laço estabelecido por uma religião, qualquer que lhe seja o objeto, é, pois, um laço essencialmente moral, que religa os corações, que identifica os pensamentos, as aspirações, e não é somente o fato de compromissos materiais, que se quebram à vontade, ou do cumprimento de fórmulas que

falam aos olhos mais do que ao espírito. O efeito desse laço moral é de estabelecer entre aqueles que une, como consequência da comunhão de objetivos e de sentimentos, a *fraternidade e a solidariedade*, a indulgência e a benevolência mútuas. É nesse sentido que se diz também: a religião da amizade, a religião da família.

Se assim é, dir-se-á, o Espiritismo (o Alcoólicos Anônimos) é, pois, uma religião?

Pois bem, sim! Sem dúvida, Senhores; no sentido filosófico, o Espiritismo (o Alcoólicos Anônimos) é uma religião, e disto nos glorificamos, porque é a doutrina que fundamenta os laços da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre as bases mais sólidas: as próprias leis da Natureza.

...

O campo da caridade é muito vasto; ele compreende duas grandes divisões que, por falta de termos especiais, podem designar-se pelas palavras: *Caridade beneficente e caridade benevolente*. Compreende-se facilmente a primeira, que é naturalmente proporcional aos recursos materiais dos quais se dispõe; mas a segunda está ao alcance de todo o mundo, do mais pobre como do mais rico. Se a beneficência é forçosamente limitada, nenhuma outra, senão a vontade, pode pôr limites à benevolência.

O que é preciso, pois, para praticar a caridade benevolente? Amar seu próximo como a si mesmo: ora, amando-se ao seu próximo quanto a si mesmo, se o amará muito; se agirá para com outrem como se gosta que os outros ajam para conosco, não se desejará nem se fará mal a ninguém, porque não gostaríamos que no-lo fizessem.

...

As últimas mensagens de Bill e Bob

"Saúdo-te e dou graças por tua vida."

Meus pensamentos hoje em dia estão cheios de gratidão para com a nossa Associação pelo sem-número de bondades que nos tem dado a Graça de Deus.

Se me perguntassem qual dessas bondades era o responsável por nosso crescimento como Associação e mais vital para nossa continuidade, eu diria: o "Conceito do Anonimato".

O anonimato tem dois atributos essenciais para nossa sobrevivência individual e coletiva: o espiritual e o prático.

Ao nível espiritual, o anonimato requer toda a disciplina que somos capazes de dar. Ao nível prático, o anonimato tem dado proteção ao novo membro, nos tem dado o respeito e o apoio do mundo exterior, dando-nos proteção e segurança daqueles que poderiam usar o A.A. para fins doentios e egoístas.

Com o passar dos anos o A.A. deve e continuará a mudar. Não podemos e nem devemos retroceder no tempo. Sem dúvida, acredito firmemente que o princípio do anonimato deve permanecer como primordial e permanente medida de segurança. Enquanto aceitarmos nossa sobriedade em nosso tradicional espírito do anonimato, continuaremos recebendo as Graças de Deus.

E assim, uma vez mais os saúdo nesse espírito e outra vez mais dou graças por vossas vidas.

Que Deus bendiga a todos nós agora e sempre.

Sempre seu

Bill. "

*

"Meus queridos amigos em A.A. e do A.A.

... Fico bastante emocionado ao ver diante de mim um vasto mar de faces, com o sentimento de que, possivelmente alguma pequena coisa eu fiz há alguns anos atrás, para tornar este encontro possível.

Fico muito emocionado também, quando penso que todos nós tivemos os mesmos problemas. Que todos nós fizemos as mesmas coisas. Que todos nós conseguimos os mesmos resultados proporcionalmente ao nosso zelo, entusiasmo e persistência na detenção da marcha de nossa doença. Se vocês me permitirem a inclusão de uma pequena nota pessoal neste momento, quero dizer que estive acamado cinco dos sete últimos meses e minhas forças não retornaram como eu gostaria; assim meus comentários sobre o necessário serão muito breves.

Duas ou três coisas vieram à minha mente, às quais eu gostaria de dar um pouco de ênfase. Uma é a simplicidade do nosso programa. Não vamos perder isso tudo com complexos de Freud e coisas que são interessantes para o pensamento científico, mas temos muito o que fazer com o nosso atual trabalho no A.A. Os nossos Doze Passos quando experimentados até o último, resumem-se todos eles às palavras "AMOR" e "SERVIÇO".

Nós entendemos o que o AMOR é. Nós entendemos o que o SERVIÇO é. Assim, vamos manter essas duas coisas em nosso pensamento.

Lembramos também de guardar a nossa língua para não errar e que se tivermos que usá-la, usêmo-la com bondade, consideração e tolerância.

E mais uma coisa: nenhum de nós estaria hoje aqui, se alguém não tivesse tido tempo para explicar-nos alguma coisa, para nos dar uns tapinhas nas costas, para levar-nos a uma ou duas reuniões, para fazer numerosos atos de bondade e consciência em nosso favor. Assim, não deixemos nunca chegar a um grau tal de complacência presunçosa, que não nos permita dar ajuda ou tentar dá-la, a nossos irmãos menos felizes, já que ela tem sido tão benéfica para todos nós.

Muitas felicidades. Dr. Bob.

*

BIP, BIP, BIP
**BENEVOLÊNCIA PARA COM TODOS, INDULGÊNCIA PARA
 COM AS IMPERFEIÇÕES ALHEIAS, PERDÃO DAS OFENSAS
 QUE, QUE, QUE
QUERER PARA OS OUTROS O QUE QUEREMOS PARA NÓS**

HINO DO “JUSTIÇA FUTEBOL CLUBE”

I

BIP, BIP, BIP – AMOR E CARIDADE
QUÊ, QUÊ, QUÊ – É JUSTIÇA DE VERDADE
BIP, BIP, BIP – QUÊ, QUÊ, QUÊ
É JUSTIÇA, É JUSTIÇA, QUE VAMOS FAZER!

I

SE FUMAR, SE BEBER, MUITO CEDO VAI MORRER!
 DROGA NÃO, DROGA NÃO, ISSO É ASSUNTO MUITO SÉRIO,
 VOCÊ VAI PARA A PRISÃO E DEPOIS PRO CEMITÉRIO!
 SE VOCÊ FIZER O BEM, MUITO BEM VAI RECEBER!
 FAÇA O BEM, FAÇA O BEM, SEM OLHAR PARA QUEM!
 FAÇA O BEM, FAÇA O BEM, SEM OLHAR PARA QUEM!

II

BIP, BIP, BIP – AMOR E CARIDADE
QUÊ, QUÊ, QUÊ – É JUSTIÇA DE VERDADE
BIP, BIP, BIP – QUÊ, QUÊ, QUÊ
É JUSTIÇA, É JUSTIÇA, QUE VAMOS FAZER!
 SE VOCÊ FIZER O MAL, MUITO MAL IRÁ SOFRER!
 ESQUEÇA O MAL E FAÇA O BEM, É ISSO QUE LHE CONVÉM!
 SE ALGUÉM LHE OFENDER, É ELE QUEM VAI SOFRER!
 E VOCÊ QUE MUITO PENSA, ENTÃO PERDOE TODA OFENSA!
 SE FIZER A CARIDADE, SÓ TERÁ FELICIDADE!
 SE FIZER A CARIDADE, SÓ TERÁ FELICIDADE!

III

BIP, BIP, BIP – QUÊ, QUÊ, QUÊ
É JUSTIÇA, É JUSTIÇA, QUE VAMOS FAZER!
HURRA!!!

*

O MAIOR MANDAMENTO

1. Mas os fariseus, quando ouviram que Jesus tinha feito calar a boca aos saduceus, juntaram-se em conselho. E um deles, que era doutor da lei, tentando-o, perguntou-lhe: Mestre, qual é o maior mandamento da lei? Jesus lhe disse: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, este é o maior e o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Estes dois mandamentos contêm toda a lei e os profetas. (MATEUS, XXII: 34-40).

2. E assim, tudo o que quereis que os homens vos façam, fazei o também vós a eles. Porque esta é a lei e os profetas. (MATEUS, 7:12).

Tratai todos os homens como quereríeis que eles vos tratassem. (LUCAS, VI:31).

*

O Orgulho e o Egoísmo têm origem num sentimento natural: o Instinto de Conservação - É fato reconhecido que a maior parte das misérias da vida tem origem no egoísmo dos homens. Desde que cada um só pensa em si sem pensar nos outros e ainda só quer a satisfação dos próprios desejos, é natural que a procure a todo preço, sacrificando embora os interesses de outrem, quer nas pequenas, quer nas maiores coisas, tanto na ordem moral, como na material. Daí todo o antagonismo social, todas as lutas, conflitos e misérias, visto como cada um quer pôr o pé adiante dos outros.

O egoísmo tem origem no orgulho. A exaltação da personalidade arrasta o homem a considerar-se acima dos demais. Julgando-se com direitos preferenciais, molesta-se por tudo o que, em seu entender, o prejudica. A importância que, por orgulho, se atribui, o torna naturalmente egoísta.

O egoísmo e o orgulho têm origem num sentimento natural: o instinto de conservação. Todos os instintos têm razão de ser e utilidade, pois que Deus não faz coisa inútil. Deus não criou o mal; é o homem que o produz por abuso dos dons divinos, em virtude do livre arbítrio. Este sentimento contido em justos limites é bom em si; a sua exageração é que o torna mau e pernicioso. O mesmo acontece às paixões, que o homem desvia do seu fim providencial. Deus não criou o homem egoísta e orgulhoso, mas simples e ignorante; foi o homem que, ao malversar o instinto, que Deus lhe deu para a própria conservação, se tornou egoísta e orgulhoso.

A caridade e a fraternidade resumem todas as condições e deveres sociais - Os homens não podem ser felizes enquanto não viverem em paz, isto é, enquanto não forem animados pelos sentimentos de benevolência, indulgência e condescendência recíprocas e enquanto procurarem esmagar uns aos outros. A caridade e a fraternidade resumem todas as condições e deveres sociais, mas reclamam abnegação. Ora, a abnegação é incompatível com o egoísmo e o orgulho; logo, com estes vícios não pode haver verdadeira fraternidade, e, em consequência, igualdade e liberdade; porque o egoísta e o orgulhoso tudo querem para si. Serão sempre eles os vermes roedores de todas as instituições progressistas, e, enquanto reinarem, os mais generosos sistemas sociais, os mais sabiamente combinados, cairão aos golpes deles.

*

AUTOLIBERTAÇÃO

“... Nada trouxemos para este mundo e manifesto é que nada podemos levar dele.” — Paulo. (1ª EPÍSTOLA A TIMÓTEO, capítulo 6, versículo 7.)

Se desejas emancipar a alma das grilhetas escuras do “eu”, começa o teu curso de autolibertação aprendendo a viver “como possuindo tudo e nada tendo”, “com todos e sem ninguém”.

Se chegaste à Terra na condição de um peregrino necessitado de aconchego e socorro e se sabes que te retirarás dela sozinho, resigna-te a viver contigo mesmo, servindo a todos, em favor do teu crescimento espiritual para a imortalidade.

Lembra-te de que, por força das leis que governam os destinos, cada criatura está ou estará em solidão, a seu modo, adquirindo a ciência da auto-superação.

Consagra-te ao bem, não só pelo bem de ti mesmo, mas, acima de tudo, por amor ao próprio bem.

Realmente grande é aquele que conhece a própria pequenez ante a vida infinita.

Não te imponhas, deliberadamente, afugentando a simpatia; não dispensarás o concurso alheio na execução de tua tarefa.

Jamais suponhas que a tua dor seja maior que a do vizinho ou que as situações do teu agrado sejam as que devam agradar aos que te seguem. Aquilo que te encoraja pode espantar a muitos e o material de tua alegria pode ser um veneno para teu irmão.

*